

Hora de conciliação

Manchete dos principais jornais do país na semana passada, a bandeira branca foi estampada pela classe política na videoconferência realizada em Brasília. Coordenada pelo presidente Bolsonaro, contou com a presença dos governadores de estado, e teve como fato marcante o tom moderado entre os participantes do encontro, cuja principal pauta foi a ajuda financeira da União para o combate a essa pandemia que provoca perdas irreparáveis as famílias, ao emprego e a economia.

O Brasil está atravessando um momento muito difícil. A crise sanitária está tirando vidas, fechando empresas e abalando o futuro dos negócios. Daí o ponto alto dessa reunião foi o abrandamento dos ânimos dos líderes políticos, que num ato de extrema sensibilidade e forte altruísmo, adotaram a trégua como estratégia, direcionando as forças para o bem comum que é reerguer este grande país abatido pela tempestade virótica.

A luta deve ser focada contra a crise sanitária que debilita toda a produção, a comercialização e o consumo de bens e serviços, criando quadro recessivo e sintomas de forte depressão. E não pelo enfretamento no ringe de posições antagônicas, como vinha acontecendo anteriormente. A artilharia deve sempre apontar para alvos capazes de neutralizar o inimigo comum, o COVID-19. Esses embates, travados a esmo, sempre levam alguém a nocaute, o que não é bom para nenhum dos entes federativos. O discurso deve ser travado na esfera da civilidade, com abnegação e total inclinação para alcançar o objetivo comum: a sobrevivência da população e da nossa nação.

Com esse armistício conquistado ficou mais fácil religar o botão que impulsiona a economia, e aproveitar o embalo para derrubar de vez a burocracia que impede o retorno do crescimento. Adotar um mínimo de lucidez diplomática e um estruturado planejamento para a retomada de bons e novos dias após o dilúvio epidêmico, são condições preponderantes que devem ser adotadas para o caminho do desenvolvimento. Este momento ruim é ciclópico. E, como tal, deve mudar. Assim como as estações do ano, que equilibram a luz e o calor do planeta.

A luta pela manutenção de vidas e da sobrevivência do parque fabril e da economia vai ser intensa e vitoriosa. A indústria, ao longo do tempo, se reinventa com ideias para se tornar mais competitiva e inovadora e se adequar aos novos tempos da automação e da tecnologia de ponta. Ela conta com a força de empreendedores, dos trabalhadores e da sociedade para transformar a história de um país. Dessa forma ela caminha para facilitar a vida da humanidade.

Os números da economia comprovam a importância da atividade industrial. Mesmo com o semestre perdido e os reflexos negativos da quebra do fluxo de consumo, os negócios vão retornar e prosperar. E, nesse contexto, a Federação das Indústrias do Estado do Maranhão-FIEMA tem o papel de protagonizar os processos essenciais para criar as condições necessárias para a retomada, pós crise, da indústria maranhense.

O pacote de socorro do Planalto a Estados e municípios é estimado em R\$ 60 bilhões, e pretende compensar a queda da arrecadação de impostos causada pela parada econômica. Essa talvez seja a maior crise da história republicana. Adotar tom moderado e conciliador, naquela reunião, ajudou muito a pacificação nos meios políticos onde a tensão estava acirrada, configurando-se como uma grande vitória do povo brasileiro.

É prudente acabar com essa relação conflituosa de constante troca de farpas e acusações. O país precisa de calma e harmonia para tomar decisões certas neste momento tão conturbado em que a tormenta já atingiu perto de 450 mil pessoas. Como foi muito bem dito na reunião em Brasília, não é só o atendimento de saúde que salva vidas, a disciplina e o isolamento ajudam também a manter a população intacta.

A crise está se aprofundando mesmo com as ações do governo federal para tentar impedir que a economia nacional desabe. Nesta semana a maior empresa aérea da América Latina a Latam entrou com pedido de Recuperação Judicial à justiça americana, local onde se encontra a maioria dos seus credores. No mesmo período chega a notícia que o desemprego alcançou 12,6% dos brasileiros. Encerrando o noticiário estarrecedor, o governo anuncia socorro do Banco Central ao tesouro de mais de R\$ 500 bilhões, resultado do lucro do dólar auferido pelo banco. Recurso que chega na hora certa e que pode impulsionar a atividade econômica que tenta sobreviver ao pior vendaval da história.

Este instante de unir as mãos pode ser um grande passo para a retomada do crescimento industrial e econômico do país e poderá dar ao povo a chance de melhorar a expectativa de confiança por um final feliz. Mas é preciso baixar a temperatura e deixar posições pessoais e políticas ao largo, pelo bem da nação brasileira.

Edilson Baldez das Neves

Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão - FIEMA

Vice-Presidente da Confederação Nacional da Indústria - CNI